

“História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa

Verli Petri¹

Abstract: This article presents a tribute to the researcher Ângela Vaz Leão, a teacher and a Brazilian linguistic historiographer. It is presented a very specific cut of her work and given visibility to the author in the History of Linguistic Ideas, as well as it is specified certain notes from our current research project, which was inspired in the book “History of words” written by Dona Ângela. We will reflect about this work, establishing links between the editions of 1961 and 2012, from the perspective of Discourse Analysis and History of Linguistic Ideas, also opening a space for the introduction of teaching and our research questions, giving special emphasis to the elaboration of a very specific analytical procedure, named “word-pulls-word”, inside of dictionaries and between different Portuguese language dictionaries produced in the last one hundred years. Our focus is especially about the functioning of words and their history in the Portuguese language such as it occurs in Brazil, considering the constitution, formulation and circulation of the meaning in dictionaries and in others linguistic-discursive materialities available for analysis.

Keywords: History of Linguistic Ideas; teaching; research project; history of words; dictionaries.

Resumo: Este artigo apresenta uma homenagem à pesquisadora Ângela Vaz Leão, professora e historiógrafa linguística brasileira, realizando um recorte bem específico de sua obra e dando visibilidade à autora no interior da História das Ideias Linguísticas, bem como explicitando algumas notas de nosso projeto de pesquisa atual, o qual foi inspirado na obra de Dona Ângela “História de palavras”. Vamos refletir um pouco sobre tal obra, estabelecendo relações entre a edição de 1961 e a edição de 2012, da perspectiva discursiva em suas relações com a História das Ideias Linguísticas, abrindo um espaço para a introdução de nossas questões de ensino e de pesquisa, dando especial ênfase à elaboração de um gesto analítico bem específico, denominado “palavra-puxa-palavra”, no interior de dicionários e entre diferentes dicionários de língua portuguesa produzidos nos últimos cem anos. Nosso enfoque se dá especialmente sobre o funcionamento das palavras e sua história na língua portuguesa tal como ela se realiza no Brasil, na constituição, formulação e circulação dos sentidos nos dicionários e em outras materialidades linguístico-discursivas disponíveis para análise.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; ensino; projeto de pesquisa; história das palavras; dicionários.

¹ Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas, pesquisadora do Laboratório Corpus/Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

A ciência pode classificar e nomear todos os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos. (BARROS, 1996, p. 53).

A epígrafe que dá início às nossas reflexões foi selecionada com o desejo de tentar dar conta da prazerosa e desafiadora tarefa de escrever um texto para homenagear Ângela Vaz Leão, sua dedicação ao ensino e à pesquisa. Por maior que seja nosso esforço em estudá-la e mostrar o quanto ela significa para os estudos linguísticos, filológicos e literários – já que é reconhecida no Brasil e no mundo como grande estudiosa do cancioneiro medieval –, sempre haverá mais a dizer, porque ela é esse alguém de quem se fala, a quem se indica como “uma das maiores pesquisadoras do mundo”², sendo impossível “medir seus encantos”. Partimos, então, da premissa de que a melhor homenagem que se pode fazer a uma professora e pesquisadora como Dona Ângela (assim que ela é carinhosamente tratada e referida entre seus alunos e ex-alunos) é a de estudar sua obra, considerando essencialmente a posição-sujeito por ela assumida: “historiógrafa linguística”.

Inicialmente, fazem-se necessárias duas ressalvas: a) entendemos que o trabalho de pesquisa de Dona Ângela é anterior a tudo o que conhecemos em História das Ideias Linguísticas no Brasil da atualidade; b) e compreendemos que o trabalho de pesquisa desenvolvido por Dona Ângela é bastante diferente do que fazemos hoje em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas quando nos ocupamos das palavras, da história das palavras, dos dicionários, etc. Faz-se necessário também explicitar como se deu o nosso encontro com a obra de Dona Ângela: foi daqueles encontros corriqueiros, tão comuns aos pesquisadores que se interessam pela história da produção do conhecimento sobre a língua, pois ao interesse de estudarmos e compreendermos os instrumentos linguísticos³ (especialmente os dicionários) está colado o interesse pela história das palavras, o que a partir da obra de Dona Ângela tornou-se, em nós, algo vital, surpreendente, fascinante, inspirador. Estar na universidade é um pouco isso também, ser professor, pesquisador, orientador; é seguir ensinando e aprendendo. Para a autora:

Toda teoria científica, por mais revolucionária que pareça, não deixa de ser um ponto ou um segmento da linha contínua que é a história de qualquer ciência. Isso supondo-se que haja ciências de domínios limitados e estanques, o que seria uma concepção simples, para não dizer simplista, do problema.

Na realidade, verifica-se com frequência que uma teoria científica, além de ser um ponto de uma linha contínua, é um ponto de encontro para o qual convergem linhas diversas de uma ou várias ciências. E, antes de chegar a esse ponto, existiu um percurso, ou melhor, existiram vários percursos (LEÃO, 1999, p. 162).

Dona Ângela, inscrita no espaço dos pesquisadores especialistas em estudos clássicos, também tem uma tomada de posição-sujeito que pensa sobre o fazer científico, promovendo reflexões sobre o que é ciência e como ela se realiza. Com o seu modo de dizer, nos incentiva a tomar posição e construir mais “um ponto” ou “um segmento da linha contínua”. No texto em que ela discute a obra “História da Linguística”, de Mattoso

2 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HlgCjIDJvv4>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

3 Cf. projeto de pesquisa desenvolvido, desde 2006, intitulado: “A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos”, registro no GAP/UFSM nº 043451.

Câmara Jr., além da introdução anteriormente citada textualmente, ela também se arrisca a definir o que podemos denominar hoje como “ciência da linguagem”. Segundo ela, “só em princípios do século XIX, quando surge o estudo histórico da linguagem e depois, no século XX, quando se desenvolve o seu estudo descritivo, é que se pode falar em ciência da linguagem”, mas ao mesmo tempo ela assevera que “se toda a ciência tem um desenvolvimento contínuo, não se podem esquecer as experiências da pré-linguística e da paralinguística”, levando-se em conta o que veio antes, desde a Antiguidade (LEÃO, 1999, p. 169-170) e demonstrando a importância da história para que possamos compreender nosso objeto de estudo.

Em 2015, foi publicado um livro (formato *e-book*) em Homenagem à professora, que foi organizado por José Pereira da Silva e Luciana Marino do Nascimento, sob o título “Textos de Memória – a memória dos textos: homenagem à professora Ângela Vaz Leão”⁴ (SILVA; NASCIMENTO, 2015). O título da obra faz jus ao que a homenageada pensava sobre si mesma, como disse Dona Ângela: “eu me sinto muito bem, tendo feito um curso de formação de professores, porque essa era mesmo minha vocação maior” (LEÃO, 2008, p. 12). No livro de 2015, é possível encontrar uma vasta pesquisa cronológica da vida de Dona Ângela, explicitando os caminhos acadêmicos trilhados por ela, suas publicações, orientações, premiações, participações em diferentes comitês de pesquisadores que delinearam as políticas públicas para a pesquisa (em Minas Gerais e no Brasil) que conhecemos hoje; além disso, o livro é composto por 43 capítulos em mais de 500 páginas de texto⁵.

Diante da grandiosidade do trabalho de Dona Ângela, nosso propósito é, então, realizar um recorte e dar visibilidade à autora no interior da História das Ideias Linguísticas, tal como influencia em nossas práticas de ensino e de pesquisa, dando destaque a nossa concepção de ensino e explicitando algumas notas de nosso projeto de pesquisa atual inspirado em uma obra de Dona Ângela. Vamos refletir um pouco sobre a obra “História de palavras”, estabelecendo relações entre a edição de 1961 e a edição de 2012, da perspectiva discursiva em suas relações com a História das Ideias Linguísticas. A descoberta dessa obra nos causou grande deslumbramento, o que se deu em diferentes esferas, dentre as quais destacaremos apenas duas: a) a escolha dessa publicação em detrimento das outras possíveis se dá especialmente por compreendermos que nela está posta uma relação de nunca acabar entre a autora e as palavras, sejam elas estudadas em sua independência e força histórica, sejam elas sintagmatizadas na horizontalidade da linha, nas obras literárias da época medieval até nossos dias; e b) o modo de fazer “a história das palavras”, proposto pela autora, nos faz compreender que há também uma relação de nunca acabar das palavras com elas mesmas, seja nos espaços de reprodução e repetição de sentidos, seja pela potencialidade na produção e transformação de sentidos. É dessa paixão pelas palavras, pelas línguas, pela história das palavras e das línguas que conhecemos e reconhecemos Ângela Vaz Leão. Encanta-nos a possibilidade de seguir estudando, pela via discursiva, tal história, o que propomos fazer em nosso projeto de pesquisa atual.

Esta reflexão, que homenageia Dona Ângela, é, como já dissemos, elemento inspirador para nosso projeto de pesquisa iniciado em 2018 sob o título “A surpreendente história das palavras: que fazem do discurso político o que ele é no início do século XXI

4 Fomos convidadas a contribuir com um capítulo para o livro, momento anterior a 2015, em que produzimos um esboço do texto (retomado em 2018 para sua finalização) que ora apresentamos.

5 O livro está disponível na íntegra no seguinte endereço eletrônico: <www.filologia.org.br/A_V_Leao.pdf>.

no Brasil”⁶, o qual abre novas possibilidades de pesquisa em História das Ideias Linguísticas e em Análise de Discurso, bem como joga uma luz diferente sobre a perspectiva de ensino de língua portuguesa que vimos desenvolvendo nos últimos 20 anos. Nesse espaço de reflexão apresentamos algumas notas que dão a conhecer um pouco do que estamos pesquisando. Há muitas questões e elas seguem em aberto como tem de ser em todo e qualquer projeto.

Sobre a “História de palavras”: dos anos de 1960 aos nossos dias

À l’histoire sèche, froide, impassible, je préfère l’histoire passionnée. Je ne suis pas loin de penser qu’elle est plus vraie. (DUBY, 2001, p. 81)

A primeira edição de “História de palavras” foi publicada pela Imprensa da Universidade de Minas Gerais⁷, em maio de 1961. A obra foi dedicada a Wilson, o marido e companheiro de todas as horas, desde a escritura da tese, como bem nos conta a autora em entrevista concedida a Eneida Maria de Souza e a Rachel Esteves Lima, publicada na revista *Aletria*⁸. É especialmente belo o fragmento que destacamos a seguir:

O meu marido me apoiou em tudo. E isso é tanto mais admirável quando se pensa que ele não era acadêmico. Era comerciante, mas me deu um apoio que muitas colegas casadas com universitários não tiveram nem têm. Ele me ajudou muito. Quando eu fiz a minha tese⁹, que, como eu contei a vocês, foi com base em 2.430 fichas com períodos hipotéticos, que você tinha que mexer como cartas de baralho em cima de uma mesa enorme, buscando um caminho para a análise, era ele quem datilografava tudo. Eu lia, circulava o “se” e colocava um sinal na margem, e ele copiava a frase inteira. E dizia: “– Ângela, pelo amor de Deus, o que você vai fazer com tudo isso?” E eu respondia: “– O pior é que eu ainda não sei, Wilson. Eu não sei o que vai dar. Eu sinto que vai dar um negócio extraordinário, mas não sei o quê”. (LEÃO, 2008, p. 26).

E este “negócio extraordinário”, que nos interessa tanto, foi obra premiada no mesmo ano pela Academia Mineira de Letras: “Prêmio Othon Bezerra de Mello”¹⁰; bem como recebeu, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – MG, o “Prêmio Cidade de Belo Horizonte”¹¹, na seção Educação. Tais premiações conferem imediata importância à obra

6 Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq 2018/2021, Processo 311475/2017-5.

7 O que corresponderia hoje à Editora da UFMG, guardadas as devidas proporções.

8 Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2018/01-Angela_%20Vaz%20Leao.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

9 Refere-se aqui à tese intitulada “A estilística: tentativa de conceituação e de aplicação a alguns fatos da língua”, concluída em 1959. Segundo a autora “É porque era um tema sensacional. Tanto que eu tenho uma carta do Professor R. Wagner, que era um grande linguista francês, me comunicando que estava fazendo um seminário de um período letivo sobre a minha tese, com seus alunos da Sorbonne. Há artigos publicados em periódicos de vários países, até da Checoslováquia, sobre a minha tese. Ela teve muito mais repercussão lá fora do que aqui” (LEÃO, 2008, p. 26).

10 “Em Pernambuco, instituiu o Prêmio Literário Othon Bezerra de Mello, entregue pela Academia Pernambucana de Letras, destinado aos melhores livros publicados anualmente. Igual iniciativa foi por ele adotada em Alagoas e em Minas Gerais, o que lhe valeu o título de Mecenaz Brasileiro do Século XX. Também foram contemplados com prêmios semelhantes a Faculdade de Ciências Econômicas do Recife e a Escola de Comércio Álvares Penteado de São Paulo”. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=189&Itemid=194>. Acesso em: 20 fev. 2015.

11 É a mais antiga premiação literária do Brasil e ainda continua em plena atividade. Disponível em: <<http://www.bhfazcultura.pbh.gov.br/?q=node/19801>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

e ao trabalho de Dona Ângela, fazendo dela, desde então, uma referência para os estudiosos das áreas de Filologia e Linguística.

Adquirir a primeira edição de “História de palavras” no início de 2015 é vasculhar os sebos¹² brasileiros e buscar uma obra já considerada como raridade, uma edição essencial para compreender a segunda edição e o papel que ela desempenha para os estudos da lexicografia e, especialmente, para a História das Ideias Linguísticas, tal como a compreendemos: sempre em relação ao discurso. Importa dizer também que o acesso à obra de Dona Ângela nos possibilitou um outro olhar sobre a relação que os professores de língua portuguesa estabelecem com as palavras, pois tantas vezes nos limitamos à classificação gramatical, a funcionamentos específicos, princípios etimológicos, deixando de lado a “história da palavra” em seu funcionamento na língua através do tempo. Ao ensinar língua portuguesa faz-se necessário acessar essa história da palavra, mesmo que ela não caiba nos processos de formação de palavras ou na etimologia que lhe é própria, pois as palavras significam e ao significarem constroem uma memória particular em constante movimento. Este é um dos ensinamentos de Dona Ângela para nós.

De fato, ao realizarmos a leitura das duas edições, podemos observar o que se mantém e o que se altera. Os pontos a destacar seriam muitos, nos ateremos a dois elementos que nos interessam em especial: o prefaciamento da obra (PETRI, 2009) e o modo característico como a autora finaliza cada um dos textos compilados nas duas edições. Destacamos esses dois momentos da obra, por entendermos que neles está exposta a singularidade do fazer acadêmico de Dona Ângela, acreditando que “no arremesso certo vai sempre um pouco de quem dispara” (COUTO, 2013, p. 12).

Sobre o prefaciamento e as duas edições de “História de palavras”: algumas questões que se colocam

(...) se a questão é daquelas em que não se pode chegar ao fim, é possível deslocá-la, reformulá-la. (HENRY, 1993, p. 152).

Compreendendo o prefácio como “um texto que precede o texto principal”, como aquele que “vem antes, antecede, apresenta e representa a obra que vem na sua sequência, bem como revela marcas da posição-sujeito que produz a obra como um todo” (PETRI, 2007, p. 330), é que passamos a refletir sobre a *Explicação necessária* e a *Explicação prévia*, tal como Dona Ângela se propôs a desenvolver quando apresentou cada uma das duas edições de seu livro “História de palavras”. Neste caso, cabe ressaltar também a preocupação da autora com os estudantes que terão acesso a sua obra; as explicações propõem, de certa forma, um trajeto de leitura já organizado, o que didatiza um pouco mais cada uma das edições em suas especificidades.

O prefácio da obra, tanto na edição de 1961 quanto na edição de 2012, é produzido pela autora que o intitulou *Explicação necessária*, explicitando o desejo de controlar um pouco os sentidos que poderiam ser produzidos, já que se tratava da primeira edição, compilação de quatro textos inéditos e da reedição de dois outros já presentes na revista *Kriterion*¹³. A segunda edição, por sua vez, traz uma *Explicação prévia* que não só reitera

12 “Livraria onde se vendem e se compram livros usados”.

13 A Revista do Departamento de Filosofia da UFMG é a revista de filosofia mais antiga do Brasil. Foi fundada em 1947. No período de 1978 a 1984, a Revista teve sua publicação paralisada. Em sua 107ª Reunião, realizada em 18 de março de 1982, a Congregação da FAFICH/UFMG decidiu transferir ao Departamento

o que está posto na primeira edição, mas também re-significa, posto que o determinante “*necessária*” é substituído pelo determinante “*prévia*”. O prefácio à segunda edição se apresenta bem mais extenso, considerando, de um lado, a demanda de uma apresentação dos textos que são acrescidos e, de outro, a necessidade da autora em justificar a presença de um texto que traz à baila uma situação lexical bem específica, pois, à época da escritura da primeira edição, a palavra “conceituação”, discutida no capítulo intitulado “Em favor de um neologismo”, não constava dos dicionários e foi tratada, portanto, como neologismo, o que, à época da segunda edição, já estava incorporado ao léxico da Língua Portuguesa no e do Brasil, constando, inclusive, dos dicionários¹⁴.

O texto que prefacia a obra é também rico em agradecimentos, o que nos remete aos interlocutores de Dona Ângela, bem como à generosidade e ao respeito com que ela trata àqueles que vieram antes, bem como àqueles que considera seus pares. Para além dos agradecimentos, o prefaciamento da obra nos reporta à paixão de Dona Ângela pelas línguas, pela história das palavras, sempre num esforço em saber mais sobre o problema do léxico na Língua Portuguesa, o que tem sido também nosso desejo de pesquisa nos últimos anos.

É na primeira edição que emerge com força total a modéstia característica da autora, o que faz dela uma das maiores pesquisadoras desse país. Ângela Vaz Leão finaliza o prefácio dizendo que se trata de um livro com “pobre tentativa de esclarecimento” e que “só o salvará uma coisa: a paixão da língua com que foi pensado e escrito” (LEÃO, 1961, p. 11).

Na segunda edição, temos uma outra tomada de posição-sujeito, quando se manifestam a firmeza e a segurança de quem já se sabe referência na área de pesquisa em que atua, suprimindo, por exemplo, o enunciado citado acima. São 50 anos de produção científica que separam e que unem as duas edições de “História de palavras”, são diferentes condições de produção e elas produzem outros efeitos em nós, seus leitores. A segunda edição foi publicada pela Editora da PUC de Minas Gerais e teve o acréscimo de quatro textos produzidos após 1961, mantendo a mesma temática: o léxico e sua história.

Por tudo isso, os prefaciamentos das duas edições nos dão a conhecer um pouco mais sobre as condições históricas e sociais sob as quais foi produzida a “História de palavras”, seja ela a edição que corresponde a meados do século XX, seja ela a atual produção de início do século XXI. Quanto aos efeitos que os trabalhos de Dona Ângela produzem em nós, eles podem ser muitos, mas tentamos resumi-los na palavra inspiração.

Algumas questões postas em “História de palavras”

[...] não há ‘fato’ ou ‘evento’ histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e consequências. É nisso que consiste para nós a história, nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso. (HENRY, 1994, p. 51-52).

Ângela Vaz Leão traz em seus textos a força da autoria, produzindo gestos de interpretação singulares que nos dizem muito do que ela estuda, mas também nos dá indícios de quem ela é. Eni Orlandi nos ensina que a autoria é caracterizada pela:

de Filosofia a responsabilidade pela Revista, cujo título passou a ser “Kriterion, Revista de Filosofia”, atribuindo ao Departamento a captação dos recursos financeiros para a manutenção do periódico. Disponível em: <<http://www.kriterion.fafich.ufmg.br/sobre-historico/>>.

14 No interior de nosso projeto que estuda “A surpreendente história das palavras...” pretendemos fazer um estudo detalhado, a partir da metodologia “palavra-puxa-palavra”, de “conceituação” com o objetivo de explicitar os funcionamentos que tal palavra ganha na atualidade. Assim, acreditamos estar construindo mais “um segmento da linha contínua” do pesquisar.

[...] produção de um gesto de interpretação, ou seja, na função-autor o sujeito é responsável pelo sentido do que diz, em outras palavras, ele é responsável por uma formulação que faz sentido. O modo como ele faz isso é que caracteriza sua autoria. Como, naquilo que lhe faz sentido, ele faz sentido. Como ele interpreta o que interpreta. (ORLANDI, 1996, p. 97).

Nos textos compilados para a publicação de “História de palavras”, há uma riqueza de pesquisa que vai da questão formal (pensando na formação de palavras) até a questão semântica (pensando no funcionamento das palavras na língua) e a grande maioria dos textos é finalizada com uma pergunta ou uma reflexão que deixa em aberto o campo a pesquisar, como se fosse dada ao leitor a tarefa de continuar estudando mais e mais. É a professora que instiga seus alunos a estudarem mais e mais: é a questão do ensino colada às questões de pesquisa! É nestes modos de “formular” o conhecimento científico que reconhecemos os gestos de interpretação, a construção da autoria e a responsabilidade social pelo saber que ali se produz. Além disso, a tomada de posição nos espaços de discussão das políticas científicas para a área também são plenas em autoria, pois Dona Ângela acredita na importância das pesquisas na área de Letras e Linguística e luta por um espaço digno de trabalho:

Eu fui a primeira assessora do CNPq, na nossa área. Não havia ainda o setor de Letras dentro do Comitê das Ciências Humanas. Ele só foi criado em 1974 ou 1975. E eu estava em Nova Almeida, quando recebi um telefonema me procurando, de Brasília. Fui a primeira assessora. Mas vejam uma coisa. Era uma pessoa só para a grande área de Linguística e de Letras. Hoje, parece que são dois para cada sub-área, isto é, dois para Linguística e dois para Literatura. Então, vejam, aumentou muito não é? São quatro vezes mais. E o mesmo aconteceu em relação ao número de projetos aprovados. No princípio, em 1975, às vezes você tinha 60, 70 projetos e você só tinha verba para apoiar três. Era uma coisa horrível. A coisa foi mudando muito. [...]. Eu fiquei indo como assessora ad hoc durante todos os meses, por um ano, ainda. E foi uma experiência muito boa, porque a gente tem contato com pessoas de outras áreas, no comitê de Ciências Humanas. A gente fica sabendo o que se passa nas outras universidades. Eu acho que é muito enriquecedor, é muito bom. (LEÃO, 2008, p. 28-30).

O papel de Dona Ângela como professora e pesquisadora se expande e ela passa a assumir também uma posição-sujeito representativa junto aos órgãos financiadores de pesquisa no Brasil: quando ela foi chamada a compor o comitê do CNPq, ela inaugurou um lugar político que nos é muito caro até os dias de hoje. Afinal, continuamos lutando por mais espaço e mais financiamentos para as áreas das ciências ditas humanas e, em especial, para que Linguística e Literatura ocupem o lugar de produtoras de conhecimento, lugar que tantas vezes lhes é negado por concepções equivocadas do que é fazer Ciência efetivamente.

Ao refletirmos sobre “História de palavras”, em suas duas edições, podemos identificar as tomadas de posição de Dona Ângela em diferentes momentos na história de vida da professora/pesquisadora, pois as experiências vividas dentro e fora da universidade lhe possibilitam uma produção efetiva que constitui também os seus trabalhos, fortalecendo-a como representante de área no CNPq, pesquisadora, orientadora e professora.

Para ilustrar o que observamos na obra de Dona Ângela, destacamos algumas formulações que nos dizem muito dela, da produção do conhecimento sobre a língua e também sobre nós mesmos, enquanto estudiosos da linguagem. Trata-se de perguntas que acreditamos serem atuais e desafiadoras até os dias de hoje, explicitando a posição política de

Dona Ângela como aquela que acredita na pesquisa e que incentiva a todos para que sigam pesquisando, já que, como ela mesma diz: “Se as coisas não são hoje assim, pelo menos já o foram”, iniciando os nossos recortes e explicitando as questões que ela propõe.

RECORTE 1 - Do texto intitulado “Alguns arcaísmos do português do Brasil”:

Teria razão Fernão d’Oliveira, quando diz que as velhas ‘guardão muito a antiguidade das línguas porq falão com menos gente?’ Talvez. Se as coisas não são hoje assim, pelo menos já o foram. (1961, p. 20).

RECORTE 2 – Quando o próprio título é a pergunta que norteia as reflexões e que não será plenamente respondida.

Seria um caso de etimologia popular? (1961, p. 21).

RECORTE 3 - Do texto intitulado: “O tabu linguístico: dois casos observados”

Como se vê, foi a evolução fonética que tornou semelhantes os dois vocábulos. A língua oral acabou por não distinguir boubá de boba. Que importa, para o povo, que tal semelhança seja coincidência? A associação de idéias fez o seu trabalho. Estendeu-se o tabu. E bobó se tornou, na língua popular e inculta de certa área do interior mineiro, adjetivo uniforme. É caso único, talvez, na nossa morfologia. (1961, p. 42).

RECORTE 4 - Do texto intitulado: “Ao lusco-fusco”

Mas como versar os problemas da linguagem, esquecendo o que se passa na alma do indivíduo? A linguagem é o fenômeno e como fenômeno humano deve ser tratada. Entre as ciências ditas do homem, haverá alguma que se possa estudar com rigidez matemática? (1961, p. 91).

RECORTE 5 - Do texto intitulado: “Inovação e tradicionalismo em fala, amendoeira”

É de se desejar, pois que, para proveito geral, o estudo do ideário de Carlos Drummond de Andrade se faça um dia. E que seja feito por alguém capaz de valorizar a camada coloquial que, nos grandes escritores, disfarça a erudição. (2012, p. 206).

Os fragmentos citados nos dão a conhecer um pouco dos modos de formulação dos problemas de pesquisa de Dona Ângela, sejam questões no início dos textos sejam questões ao finalizar os textos, os modos de deixar em aberto para que outro pesquisador dê continuidade aos estudos, o que só confirma o que tantas vezes reafirma Dona Ângela na entrevista citada: “Mas, no momento em que não precisam mais de mim, eu caio fora. Tudo o que eu faço é assim.” (LEÃO, 2008, p. 32); ou ainda “...e, se puder, parto pra outra.” (LEÃO, 2008, p. 37).

Sobre história das palavras, questões de pesquisa e devir

A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito [...]. (PÊCHEUX, 2011, p. 291).

De fato, temos nos dedicado ao estudo de instrumentos linguísticos (AUROUX, 1992), nos últimos doze anos, dentre os quais ganham especial ênfase as listas de palavras, os vocabulários, os glossários e os dicionários. O foco, na maior parte dos trabalhos desenvolvidos (publicados em periódicos, capítulos de livros e livro) e orientados (Iniciação científica, Trabalhos de Conclusão de Graduação, Mestrado e Doutorado), foi o funcionamento dos instrumentos linguísticos da perspectiva discursiva em suas relações com a História das Ideias Linguísticas, para os quais propomos a construção de “procedimentos” de análise. Desenvolvemos alguns trabalhos mais específicos que tocaram de perto a questão do léxico da língua e da história das palavras, mas foi em 2014, ao conhecer a obra de Dona Ângela (“História de palavras”), que atentamos mais especificamente para a palavra no interior da língua, constituindo o dicionário, estabelecendo redes de sentidos e colocando em funcionamento diferentes processos de produção de sentidos (paráfrase, metonímia, metáfora, etc.).

A inspiração que o trabalho de Dona Ângela produziu em nós, dilui-se em nossas práticas de ensino, diariamente, em nosso esforço de preparar professores de língua portuguesa cada vez mais atentos às histórias que as palavras carregam em si mesmas e nas relações que se estabelecem com as outras palavras. Esta perspectiva de ensino foi transformando-se em projeto de pesquisa que continua inscrito no âmbito discursivo, que toma para si questões próprias à História das Ideias Linguísticas e que se propõe a compreender um pouco mais da “surpreendente história das palavras”, buscando contribuir com a reflexão acerca da constituição, instituição e circulação de sentidos das palavras tal como estão dispostas em dicionários, nos últimos cem anos de produção dicionarística em Língua Portuguesa, dando especial destaque ao que foi produzido no Brasil.

Os dicionários são tomados como importantes instrumentos linguísticos (AUROUX, 1992), objetos discursivos a ler (NUNES, 2006), a partir dos quais se pode resgatar traços do que designamos como “A surpreendente história das palavras”, explicitando, através da Análise de Discurso de linha francesa, características próprias aos processos de produção de sentidos que engendram as palavras em uma ou mais redes de significância. É com Eni Orlandi (2002, p. 109) que aprendemos que é preciso trazer as reflexões sobre o dicionário para a realidade brasileira para compreender o seu funcionamento em uma sociedade como a nossa “pensando como os fatos, aqui, fazem sentido”. Assim sendo, nosso projeto investiga a constituição dos sentidos das palavras em diferentes momentos da produção dicionarística, estabelecendo relações com as condições de produção e com a historicidade que lhes é constitutiva, através de diferentes materialidades linguístico-discursivas disponíveis para análise.

É no espaço intervalar entre o desejo de saber mais da história das palavras e a necessidade de desconstrução do estereótipo de dicionário como aquele que “guarda” (com os diferentes sentidos que esta palavra pode produzir) as palavras de uma língua, que se instalam as nossas perguntas de pesquisa e que se formula uma metodologia de análise. Há muito tempo, temos nos esforçado em demonstrar que o dicionário é um objeto historicamente constituído e que seus verbetes produzem sentidos diversos sob diferentes condições de produção (cf. PETRI, 2016; 2013; 2012; 2011; 2010; 2009) e, neste momento, vislumbramos a possibilidade da produção de um conhecimento sobre as palavras que suplante o lugar dicionarístico destinado a elas, pois buscaremos a explicitação da história das palavras, levando em conta as diferentes tomadas de posição-sujeito, em distintas condições de produção, bem como o funcionamento da historicidade e da ideologia na produção das palavras (em forma de verbetes no interior dos dicionários), das definições

e dos exemplos presentes em diferentes dicionários, estabelecendo relações com a produção/circulação dos sentidos, através dos tempos.

Nosso recorte sugere como lugar fundacional as publicações de dicionários/vocabulários/glossários produzidos no Brasil do século XIX, estabelecendo um fio de discurso até os nossos dias. As publicações, objeto desse estudo, manifestam em seus prefaciamentos o objetivo central de reunir designações e descrições próprias da Língua Portuguesa (Brasileira), bem como de estabelecer regras do “bom uso da língua” no tocante à lexicologia. Este é o ponto de partida, mas não significa que faremos uma pesquisa cronológica ou linear, nos interessa ver também como se dá o processo de manutenção/atualização da língua nesses instrumentos linguísticos, em diferentes momentos da discursivização do saber sobre a língua. A descrição (ORLANDI, 1990; 2016) tem um papel muito importante em nosso trabalho, pois, através dela, será possível evidenciar a contradição entre a formalidade e a produção de sentidos. De um lado, observamos a formalidade que está posta no dicionário e que lista, fragmenta, separa, fixa e define palavras; de outro lado, observamos os processos de produção de sentidos que historicizam, repetem, movimentam, ligam, deslizam, alteram, inventam.

A metodologia de nossa pesquisa, então, tem como base os pressupostos da História das Ideias Linguísticas, bem como a prática da descrição linguístico-discursiva dos verbetes colocados em discussão, o que possibilita a explicitação de processos de continuidade/descontinuidade ou de construção de paráfrase/polissemia. Desta perspectiva, em um batimento entre Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas, propomos, pelo menos, dois movimentos de análise: 1) o estabelecimento das relações entre palavras idênticas em diferentes dicionários; e 2) o estabelecimento das relações entre palavras no interior do mesmo dicionário, pelo efeito “palavra-puxa-palavra” (SILVA, 2003). É preciso explicitar as devidas relações entre os verbetes, as definições e os exemplos, constitutivos de cada dicionário, buscando demonstrar as aproximações/os distanciamentos, as reiterações/as alterações de sentidos, bem como o funcionamento do diferente no interior do mesmo. O recorte eleito para nossa pesquisa tenta dar conta de uma seleção prévia de palavras constitutivas do discurso político tal como ele tem sido mobilizado no Brasil deste início de século XXI, mas não só, o que deverá permitir o acesso a uma história particular a partir do que trazem os dicionários e os modos de circulação das palavras que fazem sentido no interior de um dado grupo social, em uma dada época.

Uma primeira experiência, nessa direção, foi realizada com o estudo da palavra “ditadura”, o que pode ser conferido em Petri e Scherer (2016), revelando que, em um dado momento histórico da Língua Portuguesa, ela significou “dignidade” e não tinha “a boca cheia de palavras proibidas” (GALEANO, 1994, p. 51), transformando-se através dos tempos até chegar aos sentidos que se depreendem dela na atualidade; daí advém o adjetivo “surpreendente” do título do nosso projeto. As manifestações político-sociais (PETRI, 2017) que tiveram início (e auge) no ano de 2013, no Brasil, fizeram emergir para a palavra ditadura sentidos diferentes daquele que remetia o sujeito aos anos 1960 e 1970, período de exceção, explicitando contradições no interior do discurso político, bem como em suas relações com o discurso midiático, por exemplo. É disso que propomos nos ocupar, viabilizar a compreensão de processos de produção de sentidos que desconstruam as evidências e reconstituam uma parte da história das palavras em seus diferentes funcionamentos no dicionário e para além dele. Esse processo coloca em relação o nosso trabalho como professores de língua portuguesa e como pesquisadores, porque refletir sobre as histórias das palavras faz parte de nosso dia a dia, construindo sentidos para nós e para aqueles que nos cercam.

E para produzir um efeito de fechamento para este artigo, lembrando que ele é apenas uma singela homenagem e um modo de firmar compromisso com o devir, com “a surpreendente história das palavras”, prefiro finalizar com o que nos ensina Sylvain Auroux:

Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecto, assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 1992, p. 11-12).

Referências

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. Trad. Eni P. Orlandi.
- BARROS, M. de. *Livro sobre nada*. Poema 9. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COUTO, M. *Cada homem é uma raça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DUBY, G. *L'histoire continue*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- GALEANO, E. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994. Trad. Eric Nepomuceno; ilustrações de J. Borges.
- HENRY, P. A história não existe? In: ORLANDI, E. P. (Org.) [et al.]. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 29-52. Trad. José Horta Nunes.
- _____. Sentido, sujeito e origem. In: ORLANDI, E. P. (Org.) *Discurso fundador*. Campinas: Pontes, 1993, p. 151-162. Trad. Eni P. Orlandi.
- LEÃO, Á. V. A contribuição de Mattoso Câmara Jr. para a historiografia linguística. *Revista SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 1999, p. 162-170.
- _____. *História de palavras*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1961.
- _____. *História de palavras*. Belo Horizonte: Editora da PUC-Minas, 2012.
- NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas: Pontes, 2006.
- ORLANDI, E. P. Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória. In: ORLANDI, E. P. (Org.) *Instituição, relatos e lendas: narratividade e individuação dos sujeitos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 21-39. ISSN 1413-2109. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/9ea762_7072243f575942aaba8fdedd1a55db56.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. Lexicografia Discursiva. In: ORLANDI, E. P. (Org.) *Língua e Conhecimento Linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Terra à vista: discurso do confronto, velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez: UNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni P. Orlandi*. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 283-294.
- PETRI, V. A emergência da ideologia, da história e das condições de produção no prefaciamento dos dicionários. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Org.) *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 329-336.

_____. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 1, 2012, p. 23-37.

_____. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário*: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. Porto Alegre: UFRGS. Tese de Doutorado, 2004.

_____. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: _____. DIAS, Cristiane (Org.). *Análise de discurso em perspectiva*: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013, p. 39-48.

_____. “Romance das palavras” ou um dicionário diferente: considerações sobre gramatização e a obra de Celso Pedro Luft. *Fragmentum* (UFSM), v. 1, 2011, p. 15-26.

_____. *Um outro olhar sobre o dicionário*: a produção de sentidos. Santa Maria: PPGL-Editores, 2010.

PETRI, V.; SCHERER, A. O funcionamento do político na produção de sentidos: o dicionário como trajeto de leitura. In: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S. de (Org.) *A análise do discurso e sua história*: avanços e perspectivas. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 359-373.

SILVA, J. P.; NASCIMENTO, L. M. do. (Org.) *Textos de memória [recurso eletrônico] – a memória dos textos*: homenagem à profa. Ângela Vaz Leão. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/A_V_Leao.PDF>. Acesso em: 18 abr. 2018.

SILVA, M. V. Instrumentos linguísticos: língua e memória. *Revista Letras*. Santa Maria: UFSM/PPGL, n. 27, 2003, p. 109-116.

SOUZA, E. M.; LIMA, R. E. Ângela Vaz Leão: uma vida dedicada à Universidade. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 10-37

Recebido em: 20/04/2018 Aceito em: 23/05/2018